



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**RELATÓRIO DE CAMPO
TRECHO JOÃO PESSOA-CAMALAÚ**

**JONIELTON DE AZEVEDO MARQUES
10823337**

JOÃO PESSOA/PB
SETEMBRO DE 201

RELATÓRIO DE CAMPO

Relatório apresentado como resultado da viagem de campo à Camalaú, acompanhado pelo professor Paulo Rosa, do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Foi responsável por este relatório o graduando **Jonieliton de Azevedo Marques.**

JOÃO PESSOA /PB
SETEMBRO DE 2011

SUMÁRIO

01. Apresentação.....	4
02. Estudo de Campo.....	5
03. Pontos de observação:	
3.1 Margens do Rio Paraíba.....	5-6
3.2 São João do Cariri.....	7-8
3.3 Boa Vista.....	8-9
3.4 Camaláu.....	10-14
04. Referências.....	15

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi elaborado a partir de observações realizadas durante o trabalho de campo realizado nos dias 18 e 19 de setembro de 2011. Foram analisados os aspectos fitogeográficos e socioambientais (dando enfoque especial nos aspectos geocológicos dos municípios dos Cariris e Sertão Paraibano) bem como socioeconômicos e culturais dos municípios percorridos, com roteiro definido, a saber:

João Pessoa – Santa Rita - Campina Grande – São João do Cariri –
Boa Vista - Serra Branca - Sumé – Camalaú.

ESTUDO DE CAMPO

Sob as orientações do professor Ms. Paulo Rosa, participaram desta viagem a campo, alguns alunos da disciplina GFA e PGGA. Exatamente às 06h50min, saímos da universidade com destino ao roteiro definido e aqui já mencionado.

3.1 Margens do Rio Paraíba

Às margens da BR 101 (nas proximidades do município de Santa Rita, no Vale do Rio Paraíba), observou-se uma área bastante degradada, visto que historicamente é ocupada pela cultura da cana-de-açúcar, o que implica na devastação da vegetação nativa através principalmente das queimadas. Além disso, é muito comum, às margens do rio, a prática de atividades pecuárias, agravando ainda mais os impactos ambientais, como a compactação do solo.

Com a derrubada da vegetação nas proximidades do rio, ou seja, da mata ciliar, ocorre o problema do assoreamento e, na época das enchentes, sérios transbordamentos. A presença de olarias nas proximidades indica uma possível poluição do rio, com dejetos oriundas de suas atividades. Para agravar ainda mais a situação de enorme impacto ambiental provocado na área, verifica-se facilmente, a todo o momento, várias caçambas transportando a areia retirada clandestinamente do local. Acredita-se que o principal destino do produto dessa atividade ilegal seja o Estado de Pernambuco.

Também foram verificados no local, indícios de especulação imobiliária: extensos muros cercando uma grande área às margens do rio, apontando para um provável crescimento da tendência de construção de condomínios às margens das estradas BR. A nossa legislação diz que essas áreas são propriedades da União. Entretanto, posseiros se aproveitam da falta de fiscalização por parte do poder público, e se apropriam dessas áreas. É nosso papel, como atores sociais que somos, denunciar essas irregularidades ao

poder público e à sociedade civil, fazendo nosso dever de cientistas ambientais, apontando os perigos de se manter esses tipos de explorações e práticas econômicas naquele local, e sugerindo alternativas que preservem os nossos bens naturais.



Figura 1. Degradação no leito do Rio Paraíba. Foto: Jonieliton Marques.



Figura 2. Muro para construção de condomínio fechado, às margens do rio.

3.2 São João do Cariri

No município de São João do Cariri, fizemos nossa 1ª parada, para observarmos a paisagem às margens do Rio Taperoá, que é o principal afluente do Rio Paraíba. Na ocasião, o rio se encontrava praticamente seco, com muitos sedimentos que foram carregados na última enxurrada, ainda neste ano. Uma das espécies vegetais que predominam no município e que foi verificada às margens do Rio Taperoá é a algaroba (*Prosopis juliflora*), que foi introduzida equivocadamente por um português que, baseando em observações sem fundamentos científicos, acreditava que a árvore fosse resolver o problema da seca na região.

Nessa época, predomina o que se chama de “Seca Verde”.

Sua temperatura chega a 36°C; a umidade relativa em 40m³ e a umidade absoluta a 18m³.

Belas formações geológicas formam a “Muralha dos Gigantes”, que são grandes rochas esculpidas pelos agentes erosivos (chuvas e ventos) ao longo do tempo. Trata-se de um potencial atrativo para o turismo da região.



Figura 3: Aspecto do rio Taperoá, em São João do Cariri.



Figura 4: Presença da algaroba (*Prosopis juliflora*), às margens do rio.

3.3 Boa Vista

Análise das espécies fitogeográficas do local. Foram observadas, às margens da rodovia, espécies características da caatinga paraibana, como o facheiro (*Pilosocereus pachycladus* Ritter), a palma forrageira (*Opuntia ficus*); o mandacaru (*Cereu Jamacaru*); e o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), embira (*Rollinia sylvatica*) e macambira (*Bromélia laciniosa*).

Nessa região, o clima é muito quente. Os seus rios são temporários, e nessa época do ano, há pouca chuva para alimentar os seus leitos. Nas proximidades há extração de bentonita, como uma das suas atividades econômicas, que também são incrementadas pela atividade pecuária.



Figura 5. Característica da vegetação de Boa Vista.

3.4 Camalaú

Localiza-se na Mesorregião da Borborema e na Mesorregião do Cariri Ocidental na Paraíba, limita-se com o estado de Pernambuco e os municípios de São João do Tigre (22 km), São Sebastião do Umbuzeiro (37 km), Monteiro (35 km), Sumé (26km) e Congo (20 km).

Ainda na PB 01, paramos para analisar a paisagem, verificando uma grande nebulosidade no seu horizonte (figura 5).



Figura 6: Vista parcial da nebulosidade, em Camalaú.

À tarde, fomos visitar a barragem de Camalaú. O céu estava coberto por nuvens carregadas (figura 7). No local, ainda foi medido a intensidade dos ventos, que eram muito fortes, chegando até a 8m/s.



Figura 7: Veículo usado para o nosso transporte no município.



Figura 8: Aspecto da grande nebulosidade, em Camalaú.

Ainda analisamos as passagens da enxurrada da última cheia do rio Camalaú. Caminhamos pelo trajeto em que as águas passaram, fazendo a lixiviação do solo e carregando sedimentos.



Figura 9: Vista parcial do rio Camalaú.



Figura 10: Voçoroca provocada pela última enxurrada do rio Camalaú.

No dia seguinte, segunda-feira, fomos ao assentamento Novo Mundo, recolher os dados (insolação, temperatura, etc.) coletados pelo Sr. Flávio***, líder do movimento que culminou na desapropriação da área. Adentrando no assentamento, os estudantes de GFA e PGGGA fizeram os testes de temperatura, granulometria e infiltrômetro, analisando a percolação no solo do local. Ainda fizemos o “teste da varinha” em que usamos uma varinha ou galho para detectar a presença de água no subsolo. Em seguida, Flávio nos mostrou os produtos naturais (com preparo artesanal) que o mesmo utiliza em suas práticas agrícolas para o combate às pragas nas plantações. Em relação à fauna, foram encontradas espécies no local, como a seriema (*Cariama cristata*).

À noite, fizemos um passeio pela cidade, para melhor conhecê-la. O lugar é tranquilo, sem aquela agitação intensa de outras cidades. Camalaú é como uma daquelas cidades que, nas palavras de Millôr Fernandes “é tão pacata que nem tem lugares que não devem ser frequentados”. Fomos à estátua de Santo Antônio, localizada na parte alta do município e visitamos a igreja, com sua fachada imponente (figura 13).



Figura 11: Praça cheia de cores é um dos pontos turísticos da cidade.



Figura 12: À noite, a praça ganha uma luz especial.



Figura 13: Igreja Matriz de São José, símbolo da devoção do povo camalauense.

Referências

Fotos: Jonieliton Marques